

Zonas de Meretrício em Tangará da Serra-MT: alguns apontamentos sobre geografias, narrativas e elementos folkcomunicaçãois¹

Heloisa Rosa da Costa,²

Isabela Vitoria Alves Vieira³

Maria Eduarda Barreto dos Santos⁴

Sara Santos Pereira⁵

Rafael Rodrigues Lourenço Marques⁶

Universidade do Estado de Mato Grosso, Tangará da Serra-MT

RESUMO: O presente trabalho se trata uma pesquisa de iniciação científica que analisa a comunicação popular nas zonas de meretrício da Rua Celso Rosa Lima, em Tangará da Serra-MT, a partir dos referenciais da Folkcomunicação, Estudos Culturais, Geografia Humana e Etnografia. A investigação busca compreender como signos visuais e simbólicos utilizados por profissionais do sexo funcionam como estratégias comunicativas. A pesquisa foi desenvolvida com observação de campo, registros fotográficos, análise documental e entrevista. Evidencia-se que as fachadas e elementos visuais dos estabelecimentos são formas de linguagem rudimentar e ressignificada. A rua, espaço de contrastes sociais, revela dinâmicas urbanas e identitárias complexas. O relato de uma entrevistada destaca preconceitos enfrentados e estratégias de divulgação usadas por essas mulheres. A Folkcomunicação, assim, mostra-se como referente para se pensar e interpretar as práticas comunicativas de grupos marginalizados.

Palavras-chave: Prostituição; Folkcomunicação; Identidade; Espaços Urbanos; Comunicação.

INTRODUÇÃO

O trabalho que aqui desponta se trata de uma iniciativa de iniciação científica proposta na disciplina Teorias da Comunicação II, do curso de Bacharelado em Jornalismo, da Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT. É uma pesquisa inicial e de caráter híbrido, que tem como objetivo articular alguns referentes interdisciplinares teóricos da Folkcomunicação (Beltrão, 2004), Estudos Culturais (Hall, 2001), do pensamento da geografia humana de Milton Santos (2006) e da etnografia, frente as zonas de meretrício de Tangará da Serra, Mato Grosso, especificamente na Rua Celso Rosa Lima (26). Este breve estudo visa compreender como se dá a articulação a articulação entre a Comunicação Social rudimentar

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Estudos da Comunicação GT10CO - Folkcomunicação e Comunicação Intercultural evento integrante da programação do 25º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 5 a 7 de junho de 2025.

² Aluna Heloisa Rosa da Costa do 5º Semestre do Curso de Bacharelado em Jornalismo da UNEMAT. E-mail: heloisa.costa@unemat.br.

³ Aluna Isabela Vitória Alves Vieira do 5º Semestre do Curso de Bacharelado em Jornalismo da UNEMAT. E-mail: vieira.isabela@unemat.br

⁴ Aluna Maria Eduarda Barreto dos Santos do 5º Semestre do Curso de Bacharelado em Jornalismo da UNEMAT. E-mail: eduarda.maria5@unemat.br

⁵ Aluna Sara Santos Pereira do 5º Semestre do Curso de Bacharelado em Jornalismo da Universidade da UNEMAT. E-mail: sara.santos@unemat.br

⁶ Doutor em Comunicação pela UERJ. Professor Adjunto de Teorias da Comunicação da Universidade do Estado de Mato Grosso. Professor Orientador. E-mail: rafael_jornal@unemat.br

(elementos visuais e simbólicos, como cartazes, sites, fachadas e outros signos), para os atores sociais presentes neste território e a comunidade local. Através desta análise, buscamos oferecer uma visão das dinâmicas sociais e culturais presentes na área, destacando as formas de comunicação popular e não institucionalizada em um contexto urbano específico. Compreender essas práticas comunicativas é essencial para entender as forças que moldam áreas urbanas marginalizadas e as realidades vividas pelas pessoas que ali trabalham e vivem.

Articula-se aqui no sentido de Hall (2001), que as identidades culturais contemporâneas e/ou pós-modernas são múltiplas e em contante mutação, sempre em relação aos fluxos sociais e a comunicação. Esta constituição da subjetividade dos sujeitos está vinculada, portanto, às suas vivências, sua cultura. Um dos elementos que dão norte a este processo de constituição das identidades é o espaço. Este pode ser configurado a partir de duas orientações: como um lugar – a partir dos afetos e vínculos – e como um território – a partir de um tônus político. (Marques, 2023; Santos, 2006). Pensando nesta lógica, nesta dinâmica se dá a comunicação. Para este trabalho, nos apoiamos no entendimento de Luiz Beltrão (2004), pelo viés da ressignificação das representações pelo popular: a Folkcomunicação, a comunicação dos excluídos. Esta perspectiva nos aponta para estratégias de comunicação rudimentares, reapropriadas pelo popular e ressignificadas para a sua realidade. Pegando aqui os atores sociais que orbitam as zonas de meretrício, podemos considerar a lógica dos chamados grupos urbanos marginalizados. Pensando

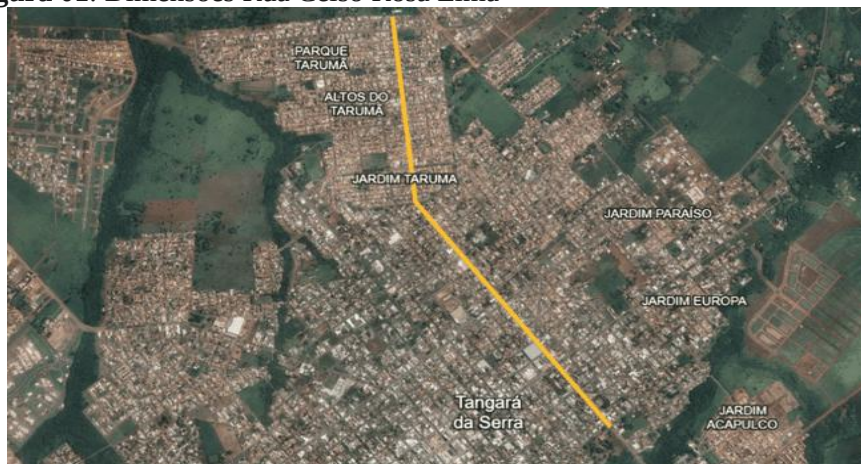
A partir deste entendimento, foi proposta uma iniciativa etnográfica (Roberto DaMatta (1978). Para o antropólogo estadunidense Clifford Geertz (2008), realizar uma pesquisa a partir das coordenadas metodológicas da Etnografia é tentar interpretar as estruturas significantes que orbitam e sustentam todo o fazer humano e social, ou seja, realizar uma descrição densa da realidade, a partir de um esforço intelectual. Assim, as jovens pesquisadoras foram a campo na cidade de Tangará da Serra-MT. A partir da articulação da observação, dos registros fotográficos e de entrevistas livres tentaram capturar o espírito da articulação entre comunicação, sujeitos e seu espaço. (Marques, 2023)

OLHARES INVESTIGATIVOS

A atual Rua Celso Rosa Lima, anteriormente conhecida como Rua 26, é uma das principais vias de Tangará da Serra, Mato Grosso. Esta rua atravessa a cidade, ligando o bairro Vila Goiânia ao Parque Tarumã, e é caracterizada por sua intensa atividade comercial ao longo

de todo o trajeto. Ao longo da Rua Celso Rosa Lima, encontram-se diversos estabelecimentos comerciais, incluindo bancos, lojas e mercados, refletindo sua importância econômica para a cidade. Além disso, a rua serve como um dos acessos à Rodovia MT-358, uma das principais rodovias da região.

Figura 01: Dimensões Rua Celso Rosa Lima



Fonte: Google Earth (Airbus, Maxar Technologies, 02/03/2024).

As metodologias utilizadas na presente pesquisa foram diversas, incluindo pesquisa de campo, análise documental e revisão bibliográfica. A pesquisa de campo envolveu a observação direta do ambiente da Rua Celso Rosa Lima, com foco nos elementos visuais e simbólicos utilizados pelas prostitutas em seus locais de trabalho. Também realizamos entrevistas com uma dessas mulheres. Para respeitar sua identidade, utilizamos nomes de flores, escolhida por ela, para representá-la. A análise documental incluiu o exame de registros históricos e oficiais sobre a formação e desenvolvimento da Rua Celso Rosa Lima, além de políticas urbanas e regulamentos municipais que influenciam a área. A revisão bibliográfica compreendeu o estudo de literatura acadêmica sobre Folkcomunicação, prostituição e urbanismo, proporcionando um contexto teórico e comparativo para a pesquisa. A Rua 26 Vinte é um local multifacetado e notório na cidade, conhecida principalmente pelos seus pontos de prostituição. Contudo, a região não se resume apenas a esses estabelecimentos. Um olhar mais atento revela uma variedade de comércios que coexistem na mesma área, incluindo um mercado, uma farmácia, um posto de gasolina, um pregão, uma borracharia, um hotel e até mesmo uma igreja. Curiosamente, essa igreja está situada bem em frente a um dos estabelecimentos de prostituição, simbolizando o contraste e a convivência de diferentes aspectos da vida urbana.

Os pontos de prostituição na Rua 26 Vinte compartilham uma arquitetura e um estilo de decoração bem característicos. A combinação de cores vermelho e preto domina o ambiente, criando uma atmosfera sugestiva e sedutora. As fachadas dos estabelecimentos frequentemente

exibem banners com imagens de mulheres seminuas, deixando claro para quem passa quais serviços são oferecidos ali. Esta comunicação visual direta e provocativa é uma forma eficaz de atrair clientes e sinalizar a natureza do local.

Figura 02 Locais observados.



Fonte: a pesquisa

Entre os estabelecimentos, há uma variedade significativa na sofisticação e nos serviços oferecidos. Alguns são mais elaborados, dispondo de comodidades como piscinas e sofás vermelhos, proporcionando um ambiente de luxo e exclusividade. Estes lugares podem ser comparados a clubes noturnos, onde além dos serviços de prostituição, os clientes encontram um espaço para entretenimento e socialização. Por outro lado, existem também pontos mais simples e modestos, que oferecem apenas o básico: um espaço para beber e conversar com as mulheres. Estes locais são mais diretos em sua abordagem, focando na simplicidade e na eficiência do serviço. A diversidade dos comércios na Rua 26 Vinte e a presença de uma igreja em meio a tudo isso adicionam camadas de complexidade à dinâmica da região. Cada estabelecimento, seja ele um ponto de prostituição ou uma farmácia, contribui para a vida econômica e social da área, criando um microcosmo urbano onde contrastes e coexistências são a norma.

HISTÓRIAS PESSOAIS

No desenvolver da pesquisa de campo fomos em 04 estabelecimentos buscamos conversar com algumas meninas sobre a profissão, dentre todos os estabelecimentos visitados só uma menina se dispôs a conversar e dar a entrevista, o que mostra que a maior parte ainda se sentem recuadas para falar sobre a profissão. Ao entrevistarmos a "Lotus" (nome fantasia) ela nos dá relatos bem pontuados como: “[...] Entrei nessa vida por necessidade, mas hoje, estou por opção. A sociedade é bem preconceituosa, em uma festa que teve na cidade a comerciante

não quis nos atender, e começou a passar os outros clientes na nossa frente.” Sobre a influência da prostituição e a vida financeira ela diz que “[...] mudou financeiramente, mas não me influencio em nada.” Ela relata os perigos do serviço e sobre os valores. “Às vezes ir para o quarto com uma pessoa que você não conhece ou que aparenta estar agressivo, e você vai pela necessidade até porque não somos obrigadas a ir para o quarto com o cliente.” "Sobre o valor: Cada uma coloca o seu". Ela descreve como é a divulgação do serviço; "A divulgação cada uma faz a sua, seja na internet, no bar ou nos sites mesmo. Como exemplos de site ela indicou o “*Fatal model* e Fica comigo.” Com o relato da Lotus podemos fazer uma analogia com a música "Troca de calçada" de Marília Mendonça que diz um pouco sobre as escolhas dessa profissão:

“[...] Se alguém passar por ela
Fique em silêncio, não aponte o dedo
Não julgue tão cedo
Ela tem motivos pra estar desse jeito
Isso é preconceito
Viveu tanto desprezo
Que até Deus duvida e chora lá de cima
Era só uma menina
Que dedicou a vida a amores de quinta
É claro que ela já sonhou em se casar um dia
Não estava nos planos ser vergonha pra família
Cada um que passou levou um pouco da sua vida
E o resto que sobrou, ela vende na esquina
Pra ter o corpo quente, eu congelei meu coração
Pra esconder a tristeza, maquiagem à prova d'água
Hoje você me vê assim e troca de calçada
Só que amar dói muito mais do que o nojo na sua cara
Pra ter o corpo quente, eu congelei meu coração
Pra esconder a tristeza, salto 15 e minissaia
Hoje você me vê assim e troca de calçada
Mas se soubesse um terço da história
Me abraçava e não me apedrejava.”

(Trecho da letra da música Troca de calçada, Marília Mendonça, 2021).

A letra fala sobre a realidade de muitas mulheres que, assim como Lotus, enfrentam preconceitos e desafios em suas vidas profissionais e pessoais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Folkcomunicação aplicada à prostituição através da análise de fachadas e placas das casas permite uma compreensão profunda e contextualizada de como esses trabalhadores utilizam a comunicação popular para navegar e negociar sua posição dentro da sociedade. Essas fachadas funcionam como um meio visual para atrair clientes, sinalizar descrição ou ostentação,

e refletir a identidade dos profissionais e serviços oferecidos. Além disso, a aplicação da Folkcomunicação, permite entender como essas casas se inserem no tecido urbano e social, estabelecendo códigos de comunicação que são, em muitos casos, compreendidos apenas por aqueles que estão imersos nesse contexto. As fachadas e placas podem, assim, ser vistas como uma linguagem própria, cheia de simbolismos e significados específicos que refletem tanto a identidade dos profissionais que ali trabalham quanto a percepção da sociedade sobre a prostituição.

Ela nos permite entender melhor como esses espaços comunicam-se com o público, adaptam-se ao ambiente urbano e manifestam sua presença de maneira estratégica e significativa, contribuindo para uma compreensão mais ampla e a sensibilidade das dinâmicas sociais envolvidas.

REFERENCIAS

BELTRÃO, L. **Folkcomunicação: Teoria e Metodologia**. São Bernardo do Campo: editora Umesp. 2004.

DAMATTA, R. **O ofício de etnólogo, ou como ter *anthropological blues***. Boletim do Museu Nacional: Antropologia, n. 27, maio de 1978. P.1-12.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. São Paulo. LTC. 1998.

HALL, S. **A Identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

MARQUES, R. R. L. **Queijo Cabacinha do Araguaia: comensalidade, mediação e imaginários na fronteira entre Mato Grosso e Goiás**. 2023. 248f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Faculdade de Comunicação Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

SANTOS, M. **A natureza do espaço**. São Paulo: Edusp. 2006.